



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA MEMÓRIA DA EDUCADORA ROSÁLIA FIGUEIRA SILVEIRA

Ana Palmira Bittencourt S. Casimiro*
(UESB)

Lívia Diana Rocha Magalhães**
(UESB)

Laucimar Carvalho Souto Ferreira***
(UESB)

RESUMO

Reconstituimos aspectos da vida escolar mediante entrevistas com pessoas de longa vivência e fortes vínculos com a educação em Vitória da Conquista. Colhemos informações de moradores nascidos e/ou escolarizados em Vitória da Conquista, a começar pelos mais idosos, listamos e localizamos as principais escolas situadas no espaço original da cidade, começando pelo ponto mais antigo da localidade — que documentos históricos e a tradição reputam como o ponto de origem da cidade, ou seja, a Rua Grande (atual Praça Tancredo Neves). Entrevistamos, principalmente, moradores que estudaram no município entre 1910 e 1950. Com base em textos de Michel Pollak (1989), Jacques Le Goff (1994) e Ecléa Bosi (2006), buscamos, preferencialmente, alguns moradores longevos que habitaram (e ainda habitam) na Conquista das primeiras décadas do século XX. Pretendemos, a partir das experiências individuais, organizar nossos registros das memórias sociais da região em foco.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Histórias de Vida. Memória.

* Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, apcasimiro@bol.com.br.

** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, lrochamagalhaes@gmail.com

*** Pedagoga, aluna do curso de Especialização em Educação, Cultura e Memória do Museu Pedagógico da UESB, laucesouto@hotmail.com.



DA TEORIA

Dentre as definições do dicionário Aurélio da língua portuguesa, o termo memória, substantivo feminino, significa: 1. Faculdade de reter as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos. 2. Lembrança, reminiscência. (AURÉLIO, 2000: 456), corroborando com o significado etimológico, descrito por Antonio Geraldo da Cunha como sendo originária do latim memória de memoris: que se lembra, reminiscência. (CUNHA, 1997: 512)

Mais do que o significado, tentaremos definir o conceito de memória, que pode ser uma experiência subjetiva e objetiva experimentada pela própria pessoa que, por sua vez, está em constante mudança e desenvolvimento. A memória, portanto, é constituída por uma série de questões internas e externas ao sujeito, de natureza psicológica, social e cultural. Nosso repertório de memória depende, em grande parte, de nossa história, de nossa pertença cultural, bem como de nossas disposições individuais. Em outras palavras, recordamos aquilo que julgamos relevante.

A memória tem uma função primordial na história da humanidade. Não apenas a memória individual, constituída pelas lembranças que cada um de nós tem sobre acontecimentos que presenciamos em nossas vivências ou daqueles que ouvimos falar. Existem outros tipos de memórias, de caráter mais amplo, as quais denominamos: memória social, cultural e histórica. Todas essas memórias tecem e constituem as histórias das pessoas, dos grupos sociais, das sociedades, enfim, de toda a humanidade (BOSI: 2006).

A memória é, antes de tudo, um fenômeno psíquico, tanto social/coletivo, quanto individual, e as duas não podem ser descoladas entre si. A memória social está inscrita nas práticas das comunidades humanas. Ela está presente nos discursos que perpetuam a voz de uma comunidade, aquilo que o povo narra a respeito de um determinado acontecimento a que costumamos chamar de 'a voz do povo'.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Por memória histórica podemos citar os relatos dos historiadores, os monumentos históricos, a arquitetura das cidades, objetos e documentos preservados, fotografias do “álbum de família”, bem como os depoimentos pessoais registrados. E por memória cultural podemos citar as crenças e valores aceitos por determinados grupos e que são transmitidos de geração em geração. Esses conceitos se entrecruzam.

A história da humanidade é constituída por elementos das diferentes memórias – social, cultural e histórica – que atravessam umas às outras, de tal modo que é quase impossível separá-las. É difícil separar a memória social da cultural, porque uma condiciona a construção da outra, e as duas concretizam-se em modos de vida.

Vale ressaltar que a memória social nas sociedades modernas passa decididamente pela memória cultural. Ainda que somente os intelectuais estejam autorizados para cancelar os limites de uma identidade, porque são eles que detêm o capital cultural, de modo a controlar o fluxo da lembrança ou do esquecimento da memória.

A preocupação com a preservação da memória histórica é um fenômeno que veio caracterizando o final do século XX. É cada vez mais freqüente a criação de centros de memória, museus, memoriais, elaboração de vídeos e documentários, entre outros. Como já foi dito, apesar de parecer um fenômeno individual, a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a transformações. Ela é um fenômeno social e individual, quando evidencia a memória herdada, podendo ter estreita ligação com o sentimento de identidade (BOSI: 2006).

É possível afirmar, portanto, que memória aqui, é constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na construção de si, na medida em que ela é um fenômeno que se produz em referência aos outros, bem como aos critérios de aceitabilidade, de



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

admissibilidade, de credibilidade, sendo esta realizada por meio da negociação direta com os outros.

A memória é a base de toda a existência humana desde o nascimento até a morte. É ela que dá significado ao cotidiano nos permitindo acumular experiências para utilizar durante toda a vida. Nossa memória vai sedimentando em nossa mente de tal modo que cedo ou tarde fará parte de nós como “memória hábito”. É, ainda, um processo que guarda do presente o que desejamos lembrar no futuro. Ela trás o passado de volta, através das relíquias que servem de iluminação mental no ato da recordação. A memória (individual) é particularmente interessante porque não guarda um conhecimento intencionalmente produzido, diferenciando-se da história oficial, já que esta, intencionalmente produzida, trás as marcas do historiador que é quem vai eleger determinado fato garantindo se ele será ou não escolhido para ser arquivado/documentado. Se ele pode fazer tal escolha, de modo nenhum estarão ausentes suas intencionalidades e seu juízo de valor. Entretanto, conforme Jacques Le Goff:

Cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica. [...]. A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão do homem. (LE GOFF, 1994: 477).

Nossas experiências, sejam elas individuais ou sociais, são adquiridas mediante a memória dos que nos antecederam. Tudo nos é legado pela memória, que nos favorecerá na compreensão da realidade, como também, nos motivará à ação. A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF: 1994).



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Para a concretização deste trabalho, a memória é extremamente importante porque ela diz respeito aos depoimentos de indivíduos que fizeram não só a educação em Vitória da Conquista, mas, também, herdaram, re-significaram e nos legaram hábitos, comportamentos e atitudes que espelham a história cultural, regional e local. Este foi o papel de D. Rosália e de outros entrevistados cujas memórias serão, pouco a pouco, captadas analisadas e relatadas, como é função do nosso grupo de pesquisa.

DO MÉTODO

Pelo Museu Pedagógico da UESB, realizamos um mapeamento das escolas extintas na zona urbana, a começar do ponto onde a cidade foi fundada, irradiando a pesquisa no decorrer do povoamento e expansão urbana da cidade. No mesmo âmbito, estamos recuperando os nomes dos principais sujeitos da educação escolar: alunos e professores, bem como reconstituindo a vida escolar em cada momento histórico, mediante entrevistas com pessoas de longa vivência ou de fortes vínculos culturais com a comunidade estudada, de notório saber sobre a região ou que, com ela, estabeleceram relações prolongadas (NEVES: 2002). Tomamos como base histórica os livros de Aníbal Viana, Mozart Tanajura e várias publicações do historiador e advogado Ruy Medeiros.

Levantamos dados históricos e, com base em diversas fontes de informações, mapeamos o chamado 'centro histórico da cidade', apontando as principais fases do desenvolvimento histórico urbano, até a década de 50, e colhemos informações de moradores nascidos e/ou escolarizados em Vitória da Conquista. Começando pelos mais idosos, listamos e localizamos as escolas situadas no espaço original da cidade, ou seja, no seu centro histórico, começando pelo ponto mais antigo da localidade — que documentos históricos e a tradição reputam como o ponto de origem da cidade, ou seja, a Rua Grande (atual Praça Tancredo Neves) e considerando como limite urbano, naquele período: no sentido norte-nordeste, o bairro do Cruzeiro e o Alto Maron; no sentido Sul-



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Sudoeste, o Bairro Jurema e Rua Fernando Spínola, em direção aos “Campinhos”. No sentido Oeste, atual bairro Recreio, consideramos a abertura da Rua Nova e Nova Rua (atuais Avenidas São Geraldo e Otávio Santos), bem como a existência da Escola Normal (início da década de 50) e Sacramentinas (meados de 50); e, no sentido Oeste, o limite da Rio-Bahia e a formação dos primeiros bairros, além da rodovia.

Entrevistamos moradores que estudaram em escolas do município entre 1910 e 1950. Buscamos, preferencialmente, alguns moradores longevos que habitaram (e ainda habitam) na Conquista das primeiras décadas do século XX e, especialmente, alguns que residiram no centro histórico. Manifestamos o mesmo interesse por moradores que residiam em zona rural próxima, geralmente filhos de fazendeiros, cujos pais contratavam professores para ensinarem as primeiras letras na própria fazenda ou enviavam os filhos para as fazendas vizinhas onde já existia tal prática.

Uma das nossas entrevistadas, Dona Rosália Figueira Silveira, nasceu em 1915, é educadora aposentada, tendo exercido a docência até idade avançada. Esta e outros entrevistados atendem àquele perfil de pessoas guardiãs da cultura e das tradições da comunidade local. Na nossa experiência, observamos que, além do simples relato, estes sujeitos pertencem a um padrão que o destaca do memorialista, simplesmente dito porque ao rememorar ele argumenta, provoca, analisa...

Devido a algumas circunstâncias, como idade, memória e condições de saúde, que demandam maior cuidado no caso das entrevistas, optamos por realizá-las de forma parcelada, visando não cansar muito os depoentes e permitir que várias entrevistas intercaladas possibilitassem lembranças e preenchessem de lacunas da memória.

Da análise parcial destes primeiros depoimentos, pudemos fazer algumas inferências, e, a partir daí, afirmar: 1 - Todos os depoentes desta etapa de pesquisa foram alunos durante a República Velha (1889-1930), sendo que o mais idoso, que freqüentou a escola entre 1913-1915, o qual afirmou que nem sequer se cogitava a presença de mulheres na escola. Veremos esta presença, mais tarde, pela fala dos outros



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

depoentes, se bem que em classes separadas das dos meninos. 2 - na maioria das vezes a escola era conhecida pelo nome do seu dono. Somente três escolas citadas eram mencionadas por um nome jurídico; 3 - também, na maioria das vezes, a escola funcionava na própria casa do professor, geralmente uma sala da casa destinada para tal; 4 - pudemos detectar que apenas três escolas fugiam desse padrão, funcionando em prédio anexo ou alheio à residência do professor; 5 - Observamos que as escolas mudavam muito de endereço, funcionando, em alguns casos, em casas emprestadas e, ou alugadas; 6 - Uma escola funcionava utilizando as duas salas da frente, sendo uma para as meninas maiores e outra para as meninas menores; 7 - observamos o costume de se oferecer os serviços educacionais para os sexos separados, principalmente a partir da década de 30, sendo que, no caso do primeiro depoente (que estudou na segunda década do século XX), foi afirmado que “só os meninos iam para as escolas e as meninas aprendiam “em casa mesmo, sozinhas”. Outra depoente, ao informar sobre as escolas, frisava e repetia: “esta era só de rapazes”; 8 - Fica visível, também, que o material escolar era muito escasso, limitando-se, na maior parte das vezes, ao uso da cartilha, tabuada, pedra, giz, paleógrafo.

A partir da década de 30, aparecem categorias antes não mencionadas, como: escola particular e pública, professor leigo, escola isolada, ensino primário, que revelam aspectos ligados às políticas públicas do Estado; e categorias como: escola mais humilde, mais afastada, uma sala com duas portinhas de venda, escola que funcionou no sótão, que denotam uma tímida expansão do ensino para camadas mais pobres da população e não somente ao rol dos ‘bem nascidos’, moradores da Rua Grande. Entretanto, apesar do aparecimento das escolas públicas o destaque é, ainda, para as instituições privadas, algumas de vida efêmera, e outras, mais longevas tendo em vista a trajetória de vida de alguns professores que lideraram a escolarização de mais de uma geração, como foram os casos do Prof. Tidinho, Dona Helena e Dona Mariquinha Viana e a própria Dona Rosália Figueira.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Observa-se que, por volta de 1930, há referência apenas a 01 escola pública (Escola Barão de Macaúbas). Como já foi dito, as demais eram pequenas, 'leigas' e o seu atendimento dependia do poder aquisitivo do aluno. A maioria levava o nome dos seus donos e algumas delas dependiam da locação do imóvel (às vezes a casa, onde passava a residir também o professor, às vezes uma ou duas salas na frente da casa).

Tratava-se de escolas onde havia algum envolvimento afetivo ou familiar entre o professor e as famílias dos alunos. e nas quais se vislumbrava uma espécie de pequenos consórcios, que aliavam aspectos econômicos e sociais, tanto do ponto de vista dos mantenedores como dos beneficiários – ou seja, consórcios para atender às necessidades de trabalho dos professores e as necessidades de instrução dos alunos, conforme as exigências do momento e de suas classes sociais. Muitas vezes o professor era parente ou aderente da família para a qual trabalhava e, também, ocorria o contrário, em casos quando vários alunos eram parentes do professor, como acontecia na escola de Dona Rosália, que instalou a escola pensando, prevalentemente, nos sobrinhos e sobrinhas que necessitavam ser educados segundo uma concepção familiar e cristã (se bem que o estabelecimento nunca tenha sido declarado como escola confessional), onde se via uma profusão de primos e primas.

DO OBJETO

Segundo suas próprias reminiscências, Dona Rosália nasceu em 1915, filha de Maria Gusmão Figueira (D. Maricota) e de Virgílio Manoel Figueira. Rosália pertence a uma grande família. Seu pai teve oito filhos, que foram do primeiro casamento com Ana: Armando, Flávio, Otoniel, Onildo, Guiomar, Maria Augusta, Almerinda (de Acelino) e Lia. Do casamento dos seus pais, Virgílio Manoel Figueira com Maria Gusmão Figueira nasceram Laudicéia (Nôzinha, esposa do falecido Vereador Vivaldo Mendes Ferraz e mãe do Vereador Vivi Mendes) Ubaldino (pai da Professora Heleusa Câmara), Eurides (mãe



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

de Elomar Figueira), Laura (avó de Zó e Quéu, que foram jogadores do Conquista Futebol Clube), Rosália, Walter, Virgílio, Hilda, Jair (a qual teve pensionato para estudantes, muitos anos, no Largo dos Aflitos, em Salvador), Almerinda (esposa do Pastor Valdomiro Oliveira, da Segunda Igreja Batista). D. Rosália nasceu na roça, na Lagoa Formosa. (região chamada Anta Podre), hoje Itacirema. Foi criada por sua irmã Almerinda (do primeiro casal) e pelo marido desta, Acelino Andrade (pais de Dr. Josué Figueira e da Profa. Mary Figueira Arapiraca). De família protestante, ela se lembra:

“quem trouxe o primeiro pastor protestante (Pastor Laurindo) para Conquista, foi meu bisavô Tertuliano, quando os primeiros crentes começaram a se converter em Conquista. Entre os primeiros médicos, ela se lembra de Dr. Nicanor, pai da Professora Helena Cristália Ferreira e do Dr. Leone”.

Rosália cursou as primeiras letras na Escola de Dona Emília (mais ou menos entre 1921 e 1924), situada na atual Praça Tancredo Neves, depois, transferiu-se para a escola da Professora Maria Leal (Cota), onde ficou até 1927, situada na Rua Zeferino Correia. Ela se lembra que no seu tempo de escola os alunos aprendiam a ler, escrever, copiar, fazer as letras bonitas, regras de civilidade etc. Antes de ir para Belo Horizonte, estudou ainda, por volta dos 14 anos (entre 1928 e 1929) na escola (extinta) Marcelino Mendes, do Pastor João Norberto, pai do professor e diretor do Ginásio Batista (informalmente confessional), Jesiel Norberto. Esta escola funcionava na Rua Dois de Julho, antiga Rua da Várzea, em frente à casa de D. Zinha. Segundo a informante, na escola de João Norberto predominavam os filhos dos crentes, mas tinha também filhos de católicos.

Logo depois, ela foi estudar em Belo Horizonte por conselho do seu irmão Ubaldino ao seu pai. Fez então a 4ª série no Colégio Batista Americano, localizado na Rua Pouso-Alegre, no Bairro Floresta, em B.H. Logo que chegou, seus professores viram que ela já tinha condições de estar no 5º ano. Passou, então, para o Colégio Isabela Hendrix onde estudou até completar o curso Normal, obtendo o diploma de professora. Lá ficou



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

de 1935 a 1937. Lembra D. Rosália que, “em tempos de muito sacrifício, quando eu estava em Belo Horizonte, fiquei três anos sem vir visitar meus pais. Mais tarde, estudei no Rio e fui missionária em Minas Gerais”.

Dona Rosália voltou para Conquista mais ou menos na década de 40, alugando uma casa na Rua Fernando Spínola, onde morava. Lá funcionou a sua primeira escola, também internato, freqüentada pelos seus sobrinhos, como Joaquim Virgílio (Ninha), Vivi Mendes, Jair (depois professora), e outros. Para o internato, a escola recebia, também, filhos de pessoas conhecidas, chamados ‘contra-parentes’. Funcionava como escola e era, um pouco, a ‘casa da tia’ destes meninos, ou, melhor ainda, ‘creche’ posto que, quando uma das suas irmãs viajava, ela cuidava dos sobrinhos menores, antes mesmo da fase escolar. Cabia à professora/dona da escolinha cuidar até dos bebês, irmãos dos seus pequenos alunos/sobrinhos:

[...] quando uma das minhas irmãs viajava, eu cuidava até dos pequenos. Eu me lembro quando minha irmã Nozinha viajou e eu tomei conta de Nina. Ela era nenê e vomitou em todo o meu cabelo e na minha roupa.

Quando ficou noiva do comerciante Auto Silveira, este comprou uma casa na Rua Ascendino Melo, antes pertencente a Nozinho Sales (filho de Melânia e Cândido Gusmão). Já casados, Auto Silveira comprou, mais tarde, 3 casinhas vizinhas, com o fito de alugar, comercialmente, mas ela, sob protestos, derrubou as casinhas e ampliou, para transformar em escola e internato sob o título de educandário Juvêncio Terra. Na primeira leva escolar da Ascendino Melo, estudaram Evandro, Elomar, Divo, Neide Melo. Anos mais tarde, Nestor Correia, filho de Firmino Correia do Prado e Arnóbia dos Santos Correia, doutor em Física pela UNB.

Algum tempo depois, ela foi para o Rio e, sendo entrevistada para dirigir o Colégio Batista Brasileiro, foi aprovada. Lá ficou por 6 anos, período em que emprestou a escola para a professora Nilza Viana. Quando voltou, reabriu a sua escola. Por causa dessa circunstância, o pai da professora Nilza (comerciante Clemente Viana) construiu



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

outra escola para a filha, em local onde hoje funciona o Colégio Escada do Tempo, na Av. Olívia Flores.

Mais tarde, mais ou menos em 1973, Rosália comprou mais terrenos vizinhos para o lado da Avenida Otávio Santos e junto com mais seis sócias (Lúcia Figueira, Heleusa Câmara, Adeny Santos Mendes, Maria Lúcia Cajazeira, Virgínia Brito Fagundes e Ana Palmira Bittencourt Santos) fundou o Ginásio do Educandário Juvêncio Terra, que hoje agrega, em franca expansão, cursos de ensino superior.

Junto com alguns dos educadores mais ilustres da Região como Maria Leal, Euclides Dantas, Everardo Públio de Castro, o Padre Palmeira, Jorge Palmeira, Celina Assis Cordeiro, e Helena Cristália Ferreira, dentre outros, a Professora Rosália Figueira Silveira é uma das figuras mais emblemáticas da educação conquistense. Adiante do seu tempo, grande educadora, pedagoga e, principalmente, profunda conhecedora da alma humana, mesmo aposentada, atua com referência e é memória viva na mente de várias gerações de professores e alunos do Juvêncio Terra e de outras instituições onde lecionou.

Algumas entrevistas ainda carecem de ser feitas. Com várias pessoas de notório saber e, outras mesmo, com Dona Rosália Figueira, para completar lacunas que permitirão compreender as razões pelas quais uma moça cristã, de tradicional família batista, é 'mandada' por seu pai e irmão mais velho estudar fora, volta com seu curso normal, preparada para educar os sobrinhos, parentes e aderentes, mas não se contenta com isso. Vai para o Rio de Janeiro, é aprovada para a direção de um colégio de renome nacional, volta, cursa pedagogia viajando semanalmente, amplia sua escola para colégio e curso superior, sempre à frente do seu tempo.

Além de longevos, a singularidade maior dos nossos sujeitos e a importância de tais entrevistas é que, além de testemunhas oculares e sujeitos ativos dessa história que está sendo recuperada, eles foram, também, intelectuais que participaram ativamente da gestão da educação no período em foco e, nas suas entrevistas, eles não só se lembram e



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

relatam sobre importantes eventos da história da Educação em Vitória da Conquista, como, também, refletem, emitem opiniões e críticas sobre os acontecimentos, hábitos, atitudes, preconceitos e aspectos culturais diversos do seu tempo.

REFERÊNCIA

- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira, 1997.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 3. ed., 1994.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. História regional e local: fragmentos e recomposição da história na crise da modernidade. Feira de Santana: UEFS; Salvador: Arcádia. 2002.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989, p.3-15.
- Rosália Figueira Silveira: Entrevista gravada em 06/11/2004.